

**REFLETINDO SOBRE AS CRÍTICAS SOCIAIS
PRESENTES NA OBRA *A TERRA DOS MENINOS
PELADOS* DE GRACILIANO RAMOS**

*Reflecting on the social criticism present in the work *The land of naked boys* Graciliano Ramos*

*Patrícia Braga Ferreira Laughton**

RESUMO: Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão acerca do conto “A terra dos meninos pelados”, de Graciliano Ramos, visualizando as críticas sociais presentes na obra, principalmente o *bullying*. Graciliano Ramos narra a história de um menino que sofria *bullying* por ser diferente. Vislumbra-se essa discriminação, essa violência psicológica, já no início da obra, quando o protagonista é rejeitado pelo grupo por ser diferente; ele possuía um olho preto e outro azul e era careca. Por causa disso, sofria constantes discriminações e resolveu “fugir” para um país imaginário. Camuflada sob o viés do insólito, a temática gira em torno do preconceito, das diferenças. A leitura da narrativa sugere que os recursos insólitos são utilizados pelo autor para colocar em evidência as críticas sociais. Para a análise, considerar-se-ão os estudos de Tzvetan Todorov, Nelly Novaes Coelho, Nilto Maciel, Bruno Bettelheim, dentre outros, em uma pesquisa bibliográfica com fazeres analítico-interpretativos.

Palavras-chave: Críticas sociais; Graciliano Ramos; A terra dos meninos pelados; Insólito.

ABSTRACT: *This article aims to make a reflection about the story "The land of naked boys", Graciliano Ramos, over seeing the social criticism present in the work, especially bullying. Graciliano Ramos tells the story of a boy who suffered bullying for being different. Envisions to this discrimination, this psychological violence at the beginning of the work, when the protagonist is rejected by the group for being different; he had a black eye and one blue and was bald. That's why he, he suffered constant discrimination and resolved to "flee" to an imaginary country. Camouflaged under the bias of the unusual, the theme decided around the prejudice, and differences. The reading of the narrative suggests that unusual features are used by the author to bring to light social criticism. For the analysis, it will be considered studies of Tzvetan Todorov, Nelly Novaes Coelho, Nilto Maciel, Bruno Bettelheim, among others, in a bibliographical research with analytical and interpretative doings.*

Keywords: *Social criticism; Graciliano Ramos; The land of naked boys; Unusual.*

* Mestranda em Letras/Estudos Literários 2015 da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil; patbraga1@gmail.com

A Literatura Brasileira, o contar histórias, sempre existiu, abordando temas variados, às vezes agradáveis, às vezes não. Os assuntos abordados nos livros infantis não são diferentes. Muitas obras perpassam por temas delicados como o preconceito, a morte, a maldade, a violência, dentre outros. Mas, é necessário conhecer e ler sobre os assuntos, pois, nas palavras de Bruno Bettelheim: “Muitos pais acreditam que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas à criança - que ela só deveria se expor ao lado agradável das coisas. Mas esta visão unilateral nutre a mente apenas de modo unilateral, e a vida real não é só agradável.” (BETTELHEIM, 2002, p.9). Assim, sabendo-se que não há apenas o lado agradável das coisas, é que os assuntos devem ser abordados desde a infância, com as obras voltadas para o público infantojuvenil.

Ademais, conforme aborda Bruno Bettelheim:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 2002, p.12).

Dessa forma, ratifica-se a importância da Literatura e sua grande contribuição para o desenvolvimento das crianças. O autor Antônio Sampaio Dória já escrevia que:

Tudo leva a concluir que existe na literatura, hoje, um movimento que podemos chamar de Antipreconceito, e que, mesmo sem ter sido planejado, pode adquirir uma importância tão grande quanto o tema Nacionalismo obteve na literatura do passado. Publicam-se mais e mais obras a respeito de minorias específicas. É como se os livros dissessem: é importante conhecer não apenas a si mesmo, mas também o outro. O diferente. E assim como o outro começa a ganhar uma existência mais ampla através do imaginário, ele pode ganhar mais espaço concreto na vida real. (DORIA, 2008, p.15-16).

Assim vemos a literatura fazendo um papel social, qual seja, levar os indivíduos a repensarem valores e opiniões, ser coautores, ressignificar conceitos e preconceitos, enfim, as leituras levam-nos a refletir sobre temas diversos e pensar sobre eles e, como colocado na citação, é importante também conhecer o outro, além de si mesmo. A escolha da obra *A terra dos meninos pelados* de Graciliano Ramos se deu por se tratar de um livro que abarca as críticas sociais de forma sutil, leve, sem condenações, posto que voltada para o público infantojuvenil. Assuntos atuais, como o *bullying*, o

preconceito, as discriminações, a violência, as mazelas sociais, já se veem retratados nessa obra em questão, por Graciliano Ramos, que teve a perspicácia de lançar um olhar mais aprofundado para esses problemas sempre atuais, numa obra de arte que soube explorar a temática do preconceito contra o ser tido por diferente, conforme escreve Bettelheim:

O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias - o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte. Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte, integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. (BETTELHEIM, 2002, p.12).

Vemos esses temas retratados nas obras infantojuvenis, apesar de alguns autores considerarem-nos densos e pesados para as crianças e jovens. Perpassam as histórias infantis assuntos como a violência, abandono, discriminação. É o que vemos, por exemplo, em histórias como *O patinho feio*, que revela a discriminação a um ser considerado diferente; *Peter Pan* revela um menino que se recusava a crescer, numa clara crítica ao mundo adulto; *João e Maria* e *Cinderela* contam a história da perversidade de uma madrasta que não queria conviver com seus enteados e *A terra dos meninos pelados* historia um menino que sofria discriminação e preconceito por ser diferente. Ele possuía um olho azul e outro preto e era careca; por isso os colegas zombavam dele, o que o entristecia e o tornava uma criança solitária e infeliz e, por isso, resolveu *fugir* para um país imaginário, onde todos eram iguais e o tratavam com respeito e carinho. Enfim, os clássicos infantis estão recheados desses assuntos. Nas palavras de Nelly Novaes Coelho (1984), a intenção artística e a intenção educativa estão incorporadas nas próprias raízes da literatura infantil, mas, de acordo com Bruno Bettelheim: “Quando falamos aqui de uma compreensão intelectual do significado de um conto de fadas, devemos enfatizar que não servirá de nada aproximar-se da narrativa dos contos de fadas com intenções didáticas” (BETTELHEIM, 2002, p. 167). Para esse autor, não se deve aproximar a literatura da criança com finalidade didática, pois, segundo ele, a própria criança absorverá no seu consciente ou inconsciente as situações de acordo com sua maturidade. Esse autor compara essa absorção do conteúdo pela criança com as sementes bíblicas lançadas por terras, sendo que algumas cairão em solo

fértil e outras não, ou seja, cada criança receberá as informações de uma maneira, dependendo de alguns aspectos. As *sementes* que caírem em solo fértil, transformar-se-ão em “lindas flores e árvores robustas - isto é, darão validade a sentimentos importantes, promoverão percepções internas, alimentarão esperanças, reduzirão ansiedades - e com isto enriquecerão a vida da criança no momento, e daí para sempre.” (BETTELHEIM, 2002, p. 168).

Assim, essas temáticas vão sendo transmitidas ao pequeno público, que vai convivendo com esse universo das mazelas sociais, vão aprendendo e apreendendo esses assuntos, conforme sua capacidade intelectual e sua maturidade. Conforme ainda o autor Bettelheim, contar um conto a uma criança com finalidade diversa que não seja a de enriquecer a experiência da criança “transforma-o num conto admonitório, numa fábula, ou em alguma experiência didática que, na melhor das hipóteses, fala à mente consciente da criança, ao passo que um dos grandes méritos desta literatura é atingir diretamente o inconsciente da criança.” (BETTELHEIM, 2002, p. 168).

Explica-se a opção por essa obra por ser ela pouco explorada no mundo acadêmico e pela fortuna crítica, em geral. Mais importante ainda ela se torna por constatar ser um pouco da vida do próprio autor, que teve uma infância sofrida, triste, em que era tratado com discriminação pela própria família. Foi uma criança solitária, desprezada, tratada com desdém pelas outras, como vemos retratado no livro *Infância* (1945), obra autobiográfica segundo entrevista do próprio autor. *A terra dos meninos pelados*, obra escrita há várias décadas, já abordava o tema *bullying*, nome surgido na década de 1970 na Noruega, quando começaram a pesquisar o suicídio de três garotos e descobriram que se tratava de discriminação sofrida por esses meninos. Deriva do termo *bully* que significa valentão.

Segundo o Dicionário *Aurélio*, podemos conceituar o termo *bullying* como: “Provocação, intimidação ou agressão física ou verbal feita por indivíduo mais desinibido, mais velho, mais forte etc, a outro mais tímido, mais novo, mais fraco etc” (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 2010, p. 359).

Na obra em estudo, vemos claramente a presença do *bullying* contra o protagonista, que sofria preconceito por ser diferente. Não há necessariamente a obrigatoriedade de ser um indivíduo mais velho para praticar essa discriminação, a vítima não precisa ser mais nova do que seu agressor. Todos os dias, pessoas, mais

comumente crianças e jovens, sofrem com esse tipo de violência, que vem mascarada na forma de brincadeira. Como escreve Diogo Drever, *brincadeira de muito mau gosto*, visto que afeta o psicológico de quem sofre, gerando na pessoa queda da autoestima, isolamento do grupo, depressão e, em casos extremos, levando até ao suicídio. São apelidos, risadinhas, fofocas, empurrões, enfim, vários tipos de *brincadeiras* que não agradam quem as recebe, pois retratam intimidação, perseguição e humilham a pessoa, que não tem ainda condições psicológicas e maturidade suficientes para revidar ou saber lidar com essas violências psicológicas.

Já no início do livro, vemos essa violência contra o protagonista no trecho: "Havia um menino diferente dos outros meninos. Tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos mangavam dele e gritavam: _ Ó pelado!" (RAMOS, 2002, p. 7). É claro o deboche com que o tratavam. *Mangar* significa expor alguém ao ridículo, desdenhar por meio de atitudes ou palavras maliciosas ou irônicas, mofar, troçar. Assim, o menino sofria com esse tratamento. E continua mais à frente:

Não tendo com quem entender-se, Raimundo Pelado falava só, e os outros pensavam que ele estava malucando. Estava nada! Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul. (RAMOS, 2002, p. 8).

Vemos nesse trecho que o pequeno se isolava, conversava sozinho e sonhava com um lugar onde todos fossem iguais a ele, porque, tristemente, “não havia com quem entender-se”, ou seja, ele vivia no seu mundo, os colegas não se entendiam com ele. São atitudes agressivas, repetidas e intencionais de uma ou mais crianças contra outra. E isso não pode ser encarado como brincadeira. Quem sofre com essa agressão fica oprimido, triste, depressivo, muda o comportamento e se isola do ambiente em que vive. A pessoa fica angustiada, evasiva, podendo tornar-se um adulto retraído, depressivo.

O ECA – Estatuto da criança e do adolescente – (Lei 8.069/90) já defende, no Título II – Dos Direitos Fundamentais; Capítulo II – Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, artigos 16 e 17, que toda criança tem direito ao respeito, inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, participar da vida comunitária e familiar, sem discriminação. Ou seja, prescreve o que, na verdade, nem precisaria estar na lei, que são formas de as crianças viverem harmoniosamente na sociedade, na família, na escola. Além disso, o artigo 18 coloca que todos têm o dever de “velar pela

dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”. Ora, tratar as crianças com preconceito, apelidando-a com nomes dos quais não gostam, humilhando-a, tudo isso é forma de preconceito, de tratamento desumano e cruel.

E um desses preconceitos é o *bullying*, que é alimentado pela competição, individualismo, raiva, inveja, ou mesmo *brincadeira* com o outro, brincadeira de extremo mau gosto que gera no outro chateação, aborrecimento, tristeza, angústia e podendo levar, às vezes, a extremos como falta de apetite, estresse, depressão, por não saber lidar com aquela situação perante os outros e perante a si mesmo. É uma violência psicológica com o intuito de perseguir o outro.

Assim é a Literatura a serviço de um bem, qual seja, conscientizar os leitores aos poucos, ir imbuindo a consciência de maus procedimentos e suas consequências, levar a pensar nesses assuntos, que às vezes passam despercebidos. “Podemos dizer, taxativamente, que nenhum escritor poderá criar um universo literário significativo [...] em sua mensagem, se não tiver a orientar sua *escritura* uma determinada consciência-de-mundo ou certa filosofia de vida” (COELHO, 1984, p.28).

Assim também nos informa a autora Marisa Lajolo, ao afirmar que:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. (LAJOLO, 1993, p. 106).

A autora supracitada também concorda que a literatura tem uma função social e que, através das obras literárias, retratam-se sensibilidades, valores de uma sociedade. Mais do que divertir e deleitar o pequeno leitor, o autor faz críticas sociais ao preconceito, ao tratamento desigual dado às pessoas diferentes, à violência psicológica que atormenta a muitos. Não é o caso de tomarmos essas históricas como verdadeiras, pois, nas palavras de Bettelheim:

Se tomamos estas estórias como descrições da realidade, então os contos são verdadeiramente ultrajantes sob todos os aspectos - cruéis, sádicos e tudo o mais. Mas, como símbolos de acontecimentos ou problemas psicológicos, estas estórias são totalmente verdadeiras. (BETTELHEIM, 2002, p.169).

Assim é que, na medida em que consideramos as histórias como símbolos de problemas psicológicos, é que consideramos nesta obra em questão o preconceito, como

problema que afeta o psicológico de quem o sofre. Segundo Ferreira no dicionário Aurélio, preconceito é descrito como “1-Conceitos ou opinião formados antecipadamente, ideia preconcebida. 4-suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.” (FERREIRA, 2010, p. 1695). Assim, vemos o tratamento diferenciado com uma criança presente na obra, uma intolerância por parte dos colegas que a tratam de forma diferente, tudo camuflado pelo mundo do fantástico. O insólito perpassa toda a narrativa, sendo considerado insólito tudo que é “anormal, incomum, extraordinário, inabitual” (FERREIRA, 2010, p.1166). Dessa forma, ladeado por esse mundo extraordinário, incomum, fantástico, maravilhoso, insólito, em que bichos, plantas e objetos falam, onde tudo acontece, onde não há noite, tudo é estranho, o menino vai relatando as diferenças entre os dois mundos, o mundo fantástico, onde ele está, o país de Tatipirun, e o seu mundo real, onde ele efetivamente vive. Vemos a oposição nesse diálogo entre o protagonista Raimundo e um automóvel: “Deixe de besteira, seu Raimundo. Em Tatipirun nós não atropelamos ninguém” (RAMOS, 2002, p. 13). Assim, nesse mundo imaginário, os automóveis não atropelam as pessoas, numa clara crítica sobre a violência no mundo real, em que os acidentes no trânsito se fazem sempre presentes no cotidiano, num desrespeito ao outro, numa falta de valorização à vida.

Em outro trecho, também se visualiza a oposição entre os dois mundos, num diálogo entre Raimundo e uma laranjeira:

- Está se vendo. A propósito, por que é que a senhora não tem espinhos?
- Em Tatipirun ninguém usa espinhos, bradou a laranjeira ofendida. Como se faz semelhante pergunta a uma planta decente?
- É que sou de fora, gemeu Raimundo envergonhado. (...) Na minha terra os indivíduos de sua família têm espinhos. (RAMOS, 2002, p. 14).

Prossegue Raimundo sua caminhada pela terra de sonhos, quando resolve sentar-se e até a pedra “se endireitou para recebê-lo” (RAMOS, 2002, p. 18), assim como o rio, pois “ia caindo dentro dele, mas as duas margens se aproximaram, a água desapareceu, e o menino com um passo chegou ao outro lado” (2002, p.20). Assim, vemos que todos os objetos, coisas, plantas têm um mesmo pensamento: ajudar o próximo, conversar, não magoar ou ferir. A laranjeira fala que *em Tatipirun ninguém usa espinhos* enquanto Raimundo fala que *na minha terra* referindo-se ao mundo real, ou seja, no diálogo,

nota-se a analogia entre as pessoas e as laranjeiras. Na terra idealizada, as laranjeiras, ou seja, as pessoas, não têm espinhos, enquanto, no mundo real, as pessoas possuem espinhos, ou seja, tratam o seu semelhante de maneira desarmoniosa, destrutam, agem de forma diferente dependendo da pessoa, mostrando as diferenças entre os mundos. Assim, Graciliano Ramos vai retratando as mazelas da sociedade, e observemos que essa obra foi escrita há várias décadas e o autor já demonstrava perspicácia na análise da sociedade em que vivia, o que continua acontecendo na atualidade e que, infelizmente, a cada dia parece pior.

Vemos também a crítica ao mundo adulto, numa intertextualidade com a obra infantil *Peter Pan*, que retrata um menino que não queria crescer. Vejamos: “- Julgo que vocês não vão ao dentista, não sentem dor de barriga, não têm sarampo. – Nada disso. – Não envelhecem. São sempre meninos” (RAMOS, 2002, p. 50). Em outro trecho, há uma crítica à violência, quando Raimundo sugere brincar de bandido e ninguém no país conhecia tal brincadeira (RAMOS, 2002, p.57). Assim, as críticas sociais vão perpassando toda a narrativa, camufladas sob o viés do insólito, das brincadeiras, da fala leve e coloquial. Corroborar essa ideia de obra reflexiva, de crítica, a autora Nelly Novaes, no trecho abaixo:

Seus capítulos brevíssimos facilitam a leitura e se ajustam à economia procurada por Graciliano Ramos. É, porém, um livro muito mais de natureza reflexiva do que aventureira. Isto é, todos os incidentes episódicos visam muito mais a intenção ou seu impulso, do que seu valor como acontecimento em si. Pode-se dizer que o interesse maior da narrativa é de ordem subjetiva. Tanto é assim que o núcleo problemático de sua trama ou argumento é a “diferença” (o não-comum) e a natural aversão ou rejeição que ela provoca nos homens e nos sistemas ou nas comunidades.(COELHO, 2006.p.308).

Assim, vemos que o texto é escrito com capítulos curtos, desenhos, tudo para atrair o pequeno leitor e escrito ainda numa linguagem simples, bastante acessível ao público a que se destina. Expressões corriqueiras fazem parte da narrativa, numa clara aproximação do leitor com os personagens.

- Cadê o menino que veio de Cambaracá?
- Estou aqui, pessoal. (RAMOS, 2002, p. 30).
- Sei lá! Burrice. Julguei que estivessem troçando de mim. (Idem, p.32).
- Cala a boca, nanico. (2002, p.33).

Dessa forma, observa-se a presença dessa linguagem coloquial, sendo que essa informalidade torna a linguagem acessível e de fácil entendimento. A história é

perpassada pelo insólito. Durante toda a narrativa, Raimundo conversa com bichos, carros, plantas, sendo que ele próprio se espanta com o mundo onde está, como se não fosse ele mesmo o criador daquele mundo imaginário. Vemos esse espanto do protagonista diante das coisas que o cercam “Que lugar! Não faz calor nem frio, não há noite, não chove, os paus conversam. Isso é um fim de mundo” (RAMOS, 2002, p.43).

Raimundo cria o mundo idealizado para fugir do mundo real. Os diálogos, ao longo da narrativa, vão evidenciando as discriminações e preconceitos. Ele só se sente bem com os olhos da imaginação, num local onde todos são iguais a ele, os automóveis também possuem um olho preto, outro azul; a laranjeira diz que toda gente tem um olho preto e outro azul. Chama também atenção na obra o fato de Graciliano descrever vários outros mundos dentro da narrativa. Observemos o diálogo abaixo entre dois personagens:

A Caralâmpia começa uma história sem pé nem cabeça: [...] - Andei numa terra diferente das outras, uma terra onde as árvores crescem com as folhas para baixo e as raízes para cima. As aranhas são do tamanho de gente, e as pessoas do tamanho de aranhas. [...] -Não me interrompa, respondeu Caralâmpia. Os guris que eu vi têm duas cabeças, cada uma com quatro olhos, dois na frente e dois atrás. [...] - Que feiúra! exclamou Pirencio. [...] - Não senhor, são muito bonitos. Têm uma boca no peito, cinco braços e uma perna só.” (RAMOS, 2002, p. 65-67).

E, mais à frente, vemos outro exemplo: “Não chore, nanico. Na terra que eu visitei ninguém chora, apesar de todos terem oito olhos, quatro azuis e quatro pretos. (...) As pessoas são como as aranhas” (RAMOS, 2002, p.69). Mesmo esse mundo idealizado não se mostra perfeito para todos, pois nele há diferenças entre os personagens, sendo que alguns se sentem diferentes. Interessante observar que a obra refere-se ao *bullying* e, como para ratificar o preconceito, usa termos que representam esse *bullying*. Vejamos este diálogo entre um *menino sardento* e o protagonista:

-Eu vou principiar. Olhe a minha cara. Está cheia de manchas, não está? (...)
 -O meu projeto é este: podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto. Não ficava bom?
 -Para quê?
 -Ficava mais certo, ficava tudo igual. (RAMOS, 2002, p. 44-45).

Nota-se que esse menino que possuía sardas se sentia diferente dos demais, devido às suas manchas; ele queria que todos fossem iguais a ele, que também possuíssem sardas, queria inclusive *obrigar* todos a terem manchas no rosto. Assim,

esses trechos citados acima revelam nitidamente a perspicácia do autor em diálogos que retratam as diferenças, as desigualdades, usando mais uma vez o recurso do fantástico. Todo esse diálogo, assim como outros no texto, mostra-nos que existem vários mundos, diferentes e que nenhum é melhor que o outro, que cada pessoa deve e precisa viver no seu mundo real, aceitando as próprias diferenças e as dos outros. Mundos fantásticos só existem na imaginação e essa deve povoar, sim, o universo infantil, pois faz parte dele. Mas é *mister* atingir a maturidade para a vivência no mundo real, com suas obrigações, responsabilidades, compromissos, discriminações, violências, mas também com prazeres, divertimentos, lazeres.

A sagacidade do autor denota que, mesmo vivendo no mundo imaginário, o mundo real está presente, que não há como fugir dele, que se deve aprender a conviver no mundo real. Raimundo, durante toda a trajetória, lembra-se de que tem que voltar ao mundo real, às suas obrigações. Logo ao ingressar no mundo fantástico, diz ele: “Este lugar é ótimo, suspirou Raimundo. Mas acho que preciso voltar. Preciso estudar a minha lição de geografia”. (RAMOS, 2002, p. 26). Mais à frente: “Preciso voltar e estudar a minha lição de geografia, suspirou Raimundo” (2002, p. 65).

O autor também revela maturidade e lucidez ao retornar o protagonista para o local real, de onde veio, denotando, com isso, que, apesar de ser prazeroso e compensador escapar, às vezes, para um mundo irreal, prevalece o mundo real e é nele que todos têm que aprender a viver e conviver com seus semelhantes e conquistar a própria identidade. Ainda nas palavras da autora Nelly Novaes:

Intuitivamente, a criança compreenderá que tais estórias, embora irreais ou inventadas, não são falsas, pois ocorrem de maneira semelhante no plano de suas próprias experiências pessoais. [...] a finalidade dessas estórias é confirmar a necessidade de se suportar a dor ou correr riscos para se conquistar a própria identidade. [...] hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. (COELHO, 1984, p.35).

A obra é atemporal porque, infelizmente, as mazelas sociais estão presentes em qualquer época. Escrita há várias décadas, ainda retrata a sociedade atual, em que a discriminação e o preconceito ocorrem de várias maneiras. O *bullying* se faz presente nas escolas, onde o tratamento aos desiguais cresce a cada dia, é violência de todo tipo: contra os negros, as pessoas especiais, os diferentes. A sociedade discrimina, segrega, relativiza o tratamento dependendo da cor, da opção sexual, da religião, da condição

social. São julgamentos e opiniões preconcebidos e muitas vezes enraizados, mesmo nas crianças, por uma sociedade preconceituosa, o que leva a tratamentos discriminatórios em relação àquela pessoa que é julgada diferente da maioria.

Assim, cremos que várias crianças, ao lerem algum conto, como o abordado nesse trabalho, enxergam-se no protagonista, visualizam suas frustrações e sentem-se mais próximas do personagem, vez que passam por problemas semelhantes. Nas palavras de Bruno Bettelheim:

O herói do conto de fadas mantém-se por algum tempo em isolamento, assim como a criança moderna com frequência se sente isolada. O herói é ajudado por estar em contato com coisas primitivas - uma árvore, um animal, a natureza - da mesma forma como a criança se sente mais em contato com essas coisas do que a maioria dos adultos. O destino destes heróis convence a criança que, como eles, ela pode-se sentir rejeitada e abandonada no mundo, tateando no escuro, mas, como eles, no decorrer de sua vida ela será guia da passo a passo e receberá ajuda quando necessário. Hoje, ainda mais do que no passado, a criança necessita o reassuramento oferecido pela imagem do homem isolado que, contudo, é capaz de conseguir relações significativas e compensadoras com o mundo a seu redor. (BETTELHEI, 2002, p.12).

Assim, Raimundo representa todas as crianças marginalizadas pelo mundo afora. Simboliza a violência da sociedade que segrega e discrimina os diferentes. As pessoas que não são como as outras, que possuem qualquer diferença, física ou psicológica, encontram mais dificuldades para viver neste mundo e conviver em sociedade, uma vez que são vistos com *olhos diferentes* pelos outros. A terra imaginária onde o protagonista vive é uma terra idealizada por ele, para fugir do seu mundo real, mas foi interessante observar que Graciliano mostrou que esta terra é ideal apenas para Raimundo e não para todos que lá vivem, mostrando que não existem espaços ideais, que todos são imperfeitos, temos é que saber viver em qualquer lugar, cada um há de enfrentar o mundo, impondo suas ideias, discutindo diferenças e conquistando o próprio espaço.

Referências

BETTELHEIM, B. *Psicanálise dos contos de fadas*. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

- COUTINHO, A. E. de F. *A Literatura no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Global, 2003.
- CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*. 8 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada. 1º volume. 1997.
- COELHO, N. N. *A literatura Infantil: história, teoria, análise*. 3 ed. São Paulo. Quíron, 1984.
- _____. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.
- DÓRIA, A. S. *O preconceito em foco: análise de obras literárias infanto-juvenis: reflexões sobre história e cultura*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- DREVER, D. *A brincadeira que não tem graça*. Retirado de <<http://www.educacional.com.br/reportagens/bullying/>> em 20/09/2015.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio de língua portuguesa*. 5 ed, Curitiba:Positivo, 2010.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo. Ed. Ática, 1993.
- LEI 8.069/90. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente. Vade Mecum Acadêmico de Direito/Anne Joyce Angher, organização. 8 ed. São Paulo: Rideel, 2009.
- MACIEL, N. *O estudo da literatura fantástica no Brasil*. Disponível em: <http://www.letraselivros.com.br/livros/artigos/2772-o-estudo-da-literatura-fantastica-no-brasil-> . Acesso em: 15 de agosto de 2015.
- RAMOS, G. *A Terra dos Meninos Pelados*. 28 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. *Infância*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. 4 ed. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2010.